

A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM
EU SOU O NÚMERO QUATRO

O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME

O DESTINO DA NÚMERO DEZ

**PITTACUS
LORE**

O DESTINO DA NÚMERO DEZ

OS LEGADOS  DE LORIEN

LIVRO SEIS

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2015 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Fate of Ten

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Gabriel Pereira

ARTE DE CAPA
Craig Shields

DESIGN DE CAPA
Ray Shappell

FOTO DO AUTOR
© Howard Huang

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
L864d

Lore, Pittacus

O destino da Número Dez / Pittacus Lore ; tradução
Viviane Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

320p. : 23 cm. (Os Legados de Lorien ; 6)

Tradução de: The fate of ten
ISBN 978-85-8057-842-3

1. Ficção americana. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

15-27242

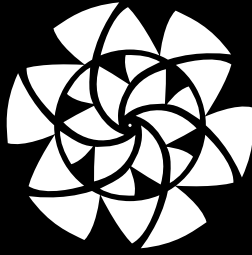
CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br





OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS SEIS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

A PORTA DA FRENTE COMEÇA A TREMER. É O QUE SEMPRE ACONTECE quando batem o portão de ferro da entrada do prédio, dois andares abaixo, desde que eles se mudaram para o apartamento no Harlem há três anos. Entre a entrada do edifício e as paredes finas como papel do apartamento, sempre ficam sabendo das idas e vindas de todos os moradores. Eles colocam a televisão no silencioso para ouvir melhor: uma garota de quinze anos e um homem de cinquenta e sete, filha e padrasto que raramente olham nos olhos um do outro, mas que colocaram suas muitas diferenças de lado para acompanhar a invasão alienígena. O homem passou a maior parte da tarde murmurando orações em espanhol, enquanto a garota assistiu aos noticiários em um silêncio reverente. Para ela, tudo aquilo era uma espécie de filme, tanto que ainda não sente medo. A menina se pergunta se o garoto louro bonito que tentou combater o monstro está morto. O homem se pergunta se a mãe da menina, que trabalha como garçoneite em um pequeno restaurante do centro, sobreviveu ao ataque inicial.

Um dos vizinhos sobe a escada correndo, passando pelo andar deles e gritando:

— Eles estão no quarteirão! Eles estão no quarteirão!

O homem bufa, descrente.

— O camarada está ficando maluco. Aqueles esquisitões pálidos não estão nem aí para o Harlem. Estamos seguros aqui — diz ele, tentando tranquilizar a enteada e aumentando o volume da televisão.

A garota não tem tanta certeza disso. Ela vai furtivamente até a porta e espia pelo olho mágico. O corredor está vazio e mal iluminado.

Como a área de Midtown atrás dela, a repórter na tevê está destruída, o rosto e o cabelo louro repletos de terra e cinzas. Na boca, uma mancha de sangue seco. A mulher está visivelmente desesperada.

— Confirmando: o bombardeio parece ter diminuído — diz a repórter, com a voz trêmula, o homem ouvindo tudo absorto. — Os... os... os mogadorianos, eles tomaram as ruas e parecem estar, hmmm, fazendo prisioneiros, embora tenhamos visto alguns novos atos de violência à... à... menor provocação...

A repórter abafa um soluço. Atrás dela, há centenas de alienígenas pálidos em uniformes escuros marchando pelas ruas. Alguns deles viram a cabeça e direcionam seus olhos negros vazios para a câmera.

— Jesus Cristo — diz o homem.

— Mais uma vez, para reiterar, estamos sendo... hmmm, estão nos deixando transmitir. Eles... eles... os invasores, eles parecem nos *querer* aqui...

Lá embaixo, o portão balança novamente. Há um som estridente de metal sendo arrancado do lugar e um estrondo alto. Alguém não tinha uma chave. Alguém precisou derrubar o portão.

— São eles — diz a menina.

— Cala a boca — responde o homem. Ele abaixa o volume da tevê novamente. — Quer dizer, fica quieta. Merda.

Eles ouvem passos pesados subindo a escada. A menina se afasta do olho mágico quando ouve outra porta ser derrubada. Os vizinhos de baixo começam a gritar.

— Vá se esconder — fala o homem para a garota. — Rápido.

O homem segura com mais força o taco de beisebol que pegou no armário do corredor quando a nave-mãe alienígena apareceu pela primeira vez no céu. Ele se aproxima da porta tremelicante, posiciona-se em um dos lados, de costas para a parede. Um barulho vindo do corredor. Um estrondo, a porta do vizinho sendo arrancada das dobradiças, palavras ásperas em um inglês gutural, gritos, e, finalmente, um som como se um relâmpago comprimido tivesse

irrompido. Eles já tinham visto as armas dos alienígenas na televisão, assistindo pasmos os raios crepitantes de energia azul que disparavam.

Novamente o som de passos, que dessa vez param em frente à sua porta oscilante. Os olhos do homem estão arregalados, as mãos firmes no bastão. Ele percebe que a garota não se moveu. Está paralisada.

— Acorda, idiota — dispara ele. — *Vai.*

Ele acena a cabeça em direção à janela da sala. Está aberta, a saída de incêndio à espera lá fora.

A garota detesta quando o homem a chama de idiota. Mesmo assim, pela primeira vez que se lembre, a menina faz o que o padrasto lhe diz, saindo pela janela da mesma maneira que já fugiu do apartamento tantas vezes antes. A garota sabe que não deveria ir sozinha. Seu padrasto precisa fugir também. Ela se vira para chamá-lo no exato instante em que a porta da frente é derrubada.

Os aliens são muito mais feios pessoalmente do que pela televisão. Sua singularidade faz a menina congelar. Ela observa a pele muito pálida do primeiro através da janela, os olhos negros que não piscam e as tatuagens bizarras. São quatro alienígenas ao todo, todos armados. É o primeiro que vê a menina na saída de incêndio. Ele para à porta, a estranha arma apontada na direção dela.

— Renda-se ou morra — diz o alien.

Um segundo depois, o padrasto da garota acerta o alienígena no rosto com o taco. É um golpe poderoso — o velho ganhava a vida como mecânico, as doze horas diárias de trabalho resultando em braços fortes e musculosos. Ele afunda a cabeça do alienígena e a criatura imediatamente se desintegra, transformando-se em cinzas.

Antes que seu padrasto puxe o taco de volta, o alien mais próximo atira em seu peito.

O homem é lançado para trás, os músculos contraídos, a camisa queimada. Ele aterrissa na mesa de centro de vidro e rola, acabando por fim de frente para a janela, encarando a menina.

— Corra! — De alguma forma o padrasto encontra forças para gritar. — Corra, droga!

A menina sai em disparada. Quando chega à escada, ouve tiros que vêm do seu apartamento. Tenta não pensar no que isso significa. Um rosto pálido põe a cabeça para fora da janela e aponta a arma para ela.

Ao fim dos degraus, ela pula, caindo no beco lá embaixo, o ar ao seu redor crepitando. Os pelos de seus braços se arrepiam e a menina percebe que há eletricidade correndo pelo metal da escada de incêndio. Mas ela não está ferida. O alienígena errou o tiro.

A menina salta sobre alguns sacos de lixo e corre para sair do beco, dando uma olhada ao virar a esquina para ver a rua em que cresceu. Há um hidrante jorrando água, o que faz a garota se lembrar das festas que aconteciam no bairro durante o verão. Ela vê um caminhão dos correios virado, o motor fumegando como se fosse explodir a qualquer momento. Mais para a frente no quarteirão, no meio da rua, a menina se depara com a pequena nave espacial dos aliens, uma das muitas que ela e o padrasto viram sair da imensa nave que ainda paira sobre Manhattan. Todos os noticiários transmitiram aquelas imagens incessantemente. Quase tantas vezes quanto exibiram o vídeo sobre o menino de cabelo louro.

John Smith. Esse é o seu nome. A garota que narrava o vídeo disse isso.

“Onde ele está agora?”, pergunta-se a garota. “Salvando pessoas no Harlem é que não está, isso é certo.”

A menina sabe que ela mesma terá que se salvar.

Ela está prestes a correr novamente quando vê outro grupo de alienígenas saindo de um prédio de apartamentos do outro lado da rua. Leva uma dúzia de seres humanos com ele, rostos familiares do bairro, algumas crianças que a menina reconhece da escola. Sob a mira de armas, as pessoas são forçadas a ficar de joelhos no meio-fio. Um dos alienígenas grandes e bizarros caminha pela fila de pessoas, clicando um pequeno objeto em sua mão, como um carcereiro de prisão. Estão fazendo uma contagem. A garota não tem certeza de que quer ver o que vai acontecer em seguida.

Então ouve guinchos de metal atrás dela. Vira-se e vê um dos alienígenas que estavam em seu apartamento descendo a escada de incêndio.

Ela corre. A garota é rápida, conhece aquelas ruas como ninguém. O metrô fica a apenas alguns quarteirões dali. Certa vez, em uma espécie de desafio, ela desceu da plataforma e se aventurou pelos túneis. Nem de longe a escuridão e os ratos a assustaram tanto quanto aqueles aliens. Por isso, é para lá que vai. Ela pode se esconder, talvez até chegar ao centro da cidade, tentar encontrar a mãe. A menina não sabe como vai contar sobre o padrasto. Ela mesma ainda não acredita que tudo aquilo é real. Continua esperando acordar do pesadelo.

A menina dobra uma esquina e dá de cara com três aliens. Na mesma hora ela tente dar meia-volta e sair dali, mas acaba torcendo o tornozelo, suas pernas sumindo de baixo dela. Ela cai, batendo com força na calçada. Um dos aliens deixa escapar um ruído curto e áspero — a garota percebe que ele está rindo dela.

— Renda-se ou morra — diz ele, e a menina sabe que não é realmente uma escolha. Os alienígenas já estão com as armas levantadas e apontadas, os dedos quase acionando os gatilhos.

Renda-se e morra. Eles vão matá-la independentemente do que faça em seguida. A garota tem certeza disso.

Ela levanta as mãos para se defender. É um reflexo. Ela sabe que isso não adiantará nada contra as armas deles.

Só que adianta.

As armas dos alienígenas viram para cima com força, escapando de suas mãos. E então saem voando vinte metros pelo quarteirão.

Os aliens olham para a menina, atordoados e confusos. Ela também não entende o que acabou de acontecer.

Mas sente algo diferente dentro de si. Algo novo. É como se ela fosse um titereiro, manipulando cordas ligadas a todos os objetos à sua volta. Tudo o que precisa fazer é empurrar e puxar. A menina não faz ideia de como sabe disso. Parece natural.

Um dos aliens corre em direção a ela e a menina move a mão direita para a esquerda. Ele voa até o outro lado da rua, debatendo-se, e acerta o para-brisa de um carro estacionado. Os outros dois trocam um olhar e começam a recuar.

— Quem está rindo agora? — pergunta ela, levantando-se.

— Garde — sussurra um deles em resposta.

A menina não sabe o que isso significa. A forma como o alien diz aquilo faz a palavra parecer um xingamento, o que faz a garota sorrir. Sente prazer ao ver que aquelas coisas devastando seu bairro estão com medo dela agora.

Ela pode lutar contra eles.

Ela vai matá-los.

A garota ergue uma das mãos rapidamente e, então, um dos alienígenas começa a se erguer do chão. Depois ela abaixa a mão com a mesma velocidade, atirando o alien em cima de um de seus companheiros. Ela repete o movimento até os dois se transformarem em cinzas.

Quando acaba, a menina olha para as mãos. Ela não sabe de onde veio aquele poder. Não sabe o que significa.

Mas vai usá-lo.

CAPÍTULO UM

PASSAMOS CORRENDO PELA ASA QUEBRADA DE UM AVIÃO DE CAÇA, O metal cravado no meio de uma rua como uma barbatana de tubarão. Quanto tempo se passou desde que vimos os jatos passarem zunindo no céu, em direção ao subúrbio e a *Anúbis*? Parecem dias, mas devem ter sido apenas horas. Algumas das pessoas com quem estamos — os sobreviventes — gritaram e comemoraram quando viram os jatos, como se a maré fosse virar.

Eu sabia que não seria bem assim. Fiquei quieto. Apenas alguns minutos depois, ouvimos o estrondo, a *Anúbis* explodindo aqueles jatos no céu, espalhando pedaços das aeronaves militares mais sofisticadas da Terra por Manhattan inteira. Depois disso, não mandaram mais nenhum jato.

Quantos morreram até agora? Centenas. Milhares. Talvez mais. E é tudo culpa minha. Porque não consegui matar Setrákus Ra quando tive a chance.

— À esquerda! — grita uma voz de algum lugar atrás de mim. Viro a cabeça e, sem pensar, lanço uma bola de fogo e incinero um mensageiro mog que dobra a esquina.

Eu, Sam e os cerca de doze sobreviventes que se juntaram a nós ao longo do caminho andamos sem parar. Estamos na parte mais baixa

de Manhattan agora. Corremos para cá. Lutamos para chegar aqui. Quarteirão a quarteirão. Tentando nos afastar o máximo possível de Midtown, onde o ataque dos mogs acontece com mais intensidade, onde vimos a *Anúbis* pela última vez.

Estou exausto.

Eu tropeço. Mal consigo sentir os pés de tão cansados. Estou prestes a desabar. Sinto alguém passar o braço pelos meus ombros e me segurar.

— John? — chama Sam, preocupado. Sua voz faz eco, como se estivesse vindo de dentro de uma caverna. Tento responder, mas as palavras não vêm. Sam vira a cabeça e fala com um dos outros sobreviventes: — Temos que sair daqui e fazer uma parada. Ele precisa descansar.

Quando dou por mim, estou encostado em uma parede do hall de entrada de um prédio residencial, cambaleando. Devo ter apagado por um minuto. Tento me firmar, me recuperar. Preciso continuar lutando.

Mas não consigo — meu corpo se recusa a aceitar mais uma punição. Deslizo pela parede até me sentar no chão. O chão está coberto de poeira e cacos de vidro, provavelmente resultado de alguma explosão do lado de fora. Há cerca de vinte e cinco de nós amontoados ali. Foram todos os que conseguimos salvar. Sujos de sangue e poeira, alguns deles feridos, todos nós cansados.

Quantos ferimentos eu curei hoje? No início, foi fácil. Mas, depois de um tempo, e de tantas pessoas, comecei a sentir meu Legado de cura drenando todas as minhas energias. Devo ter atingido o meu limite.

Lembro-me das pessoas não pelo nome, mas pelo lugar onde as encontrei ou por que parte do corpo delas curei. Braço-Quebrado e Preso-Embaixo-do-Carro parecem preocupados, com medo.

Uma mulher, Saltou-da-Janela, coloca a mão em meu ombro e pergunta se estou bem. Faço que sim com a cabeça, e ela parece aliviada.

Bem à minha frente, Sam conversa com um policial na casa dos cinquenta anos. Um dos lados do rosto do homem está coberto por

sangue seco, que escorreu de um corte no alto da cabeça que curei. Esqueci o nome dele e onde o encontramos. Suas vozes soam distantes, como se estivessem viajando por um túnel. Tenho que me concentrar para entender as palavras, e mesmo isso exige um esforço colossal. Minha cabeça parece envolta em algodão.

— Fiquei sabendo pelo rádio que temos um ponto de apoio na ponte do Brooklyn — diz o policial. — Polícia de Nova York, Guarda Nacional, Exército... enfim, todo mundo. Eles estão cercando a ponte. Evacuando sobreviventes a partir de lá. Fica só a alguns quarteirões de distância e eles disseram que os mogs estão concentrados na parte alta da cidade, mais longe. Podemos chegar lá.

— Então é pra lá que vocês devem ir — responde Sam. — Vão agora, enquanto a barra está limpa, antes que mais mogs cheguem.

— Vocês deviam vir com a gente, garoto.

— Não podemos — responde Sam. — Um dos nossos amigos ainda está lá. Temos que encontrá-lo.

Nove. É por ele que estamos procurando. Na última vez que o vimos, ele estava lutando contra Cinco em frente à ONU. *Através* da ONU. Precisamos encontrá-lo antes de deixarmos Nova York. Precisamos encontrá-lo e salvar o maior número de pessoas que pudermos. Estou um pouco melhor, embora ainda exausto demais para me mover. Abro a boca para falar, mas o máximo que consigo é soltar um gemido.

— Ele está esgotado — diz o policial para Sam, e sei que está se referindo a mim. — Vocês dois já fizeram bastante. Venham embora com a gente agora, enquanto podem.

— Ele vai ficar bem — diz Sam.

A dúvida em sua voz me faz cerrar os dentes e me concentrar em ficar bom logo. Preciso seguir em frente, buscar forças lá no fundo e continuar lutando.

— Ele desmaiou — diz o policial.

— Ele só precisa descansar um pouco — retruca Sam.

— Eu estou bem... — murmuro, mas acho que eles não me ouvem.

— Vocês vão morrer se ficarem, garoto — continua o policial, balançando a cabeça com firmeza. — Vocês não podem continuar com isso. Eles são muitos, e vocês são só dois. Deixem o Exército cuidar disso, ou...

Ele para de falar. Todos sabemos que o Exército já fez tudo que podia. Manhattan está perdida.

— Vamos embora o mais rápido possível — responde Sam.

— Você está me ouvindo? — O policial se dirige a mim, no mesmo tom professoral de Henri. Eu me pergunto se ele tem filhos. — Não há mais nada que vocês possam fazer. Você nos trouxe até aqui, deixe que a gente faça o resto. Podemos carregá-lo até a ponte, se for preciso.

As pessoas reunidas em torno do policial assentem, soltando murmúrios de aprovação. Sam olha para mim, as sobrancelhas erguidas, como se perguntando o que deveríamos fazer. O rosto dele está sujo de terra e cinzas. Ele parece fraco e abatido, como se mal conseguisse se manter de pé. No quadril, uma arma mog presa por um pedaço cortado de cabo elétrico. É como se o corpo inteiro de Sam tombasse para o lado, aquele peso extra ameaçando derrubá-lo.

Eu me forço a ficar de pé, mas meu corpo está debilitado, é praticamente inútil. Estou tentando mostrar ao policial e aos outros que ainda estou em condições de lutar, mas, pelo olhar cheio de pena que dirigem a mim, não fui muito convincente. Não consigo sequer impedir que meus joelhos tremam. Por um momento, parece que vou desabar no chão. Mas então algo acontece — sinto como se uma força estivesse me levantando e me puxando, esticando minhas costas e endireitando meus ombros. Não sei como estou fazendo isso, de onde vem esse impulso. É quase sobrenatural.

Não. Na verdade, não é nenhum evento sobrenatural. É Sam. O telecinético Sam, concentrando-se em mim, fazendo parecer que ainda me restava um pouco de energia.

— Nós vamos ficar — digo com firmeza, a voz um pouco rouca. — Há mais pessoas a serem salvas.

O policial balança a cabeça, espantado. Atrás dele, uma menina que me lembro vagamente de ter resgatado em uma escada de incêndio desabando começa a chorar. Não sei se ela ficou emocionada com o que falei ou se é só minha aparência que está horrível. Sam permanece completamente focado em mim, impassível, uma nova gota de suor se formando em sua testa.

— Procurem um lugar seguro — digo aos sobreviventes. — E ajudem quem vocês puderem. É o seu planeta. Vamos salvá-lo juntos.

O policial dá alguns passos à frente e aperta minha mão com força.

— Não vamos esquecer você, John Smith — afirma ele. — Nenhum de nós. Devemos nossas vidas a você.

— Acabe com eles — diz outra pessoa.

E, em seguida, todos começam a se despedir e a agradecer. Cerro os dentes no que espero que seja um sorriso. A verdade é que estou cansado demais para isso. O policial — que agora é o líder do grupo e precisará manter os sobreviventes em segurança — conduz as pessoas para fora do hall do prédio e em direção à ponte do Brooklyn, garantindo que todos sejam rápidos e não façam barulho.

Assim que ficamos sozinhos, Sam interrompe o controle telecinético que estava exercendo sobre mim e eu volto a cambalear, me encostando à parede para não desabar por completo, procurando continuar de pé de qualquer jeito. Ele está sem fôlego e encharcado de suor. Sam não é lorião e não teve um treinamento adequado, mas de alguma forma desenvolveu um Legado e começou a usá-lo da melhor forma possível. Considerando a nossa situação, ele não teve escolha a não ser aprender depressa, na marra.

Sam com um Legado... se as coisas não estivessem tão caóticas e conturbadas, eu estaria mais animado. Não sei bem como ou por que isso aconteceu com ele, mas os recém-descobertos poderes de meu amigo são praticamente a única vitória que tivemos desde que chegamos a Nova York.

— Obrigado — digo, as palavras saindo com um pouco mais de facilidade agora.

— Não esquenta — responde Sam, ofegante. — Você é o símbolo da resistência da Terra; não podemos deixar que o vejam caído por aí.

Tento me erguer, mas minhas pernas ainda não estão prontas para suportar o peso do meu corpo. É mais fácil continuar me apoiando na parede e me arrastar até a próxima porta.

— Olha para mim. Não sou símbolo de coisa alguma — resmungo.

— Deixa disso — diz ele. — Você só está esgotado.

Ele me ajuda, passando o braço pela minha cintura e me conduzindo pelo corredor. Vejo que também está se locomovendo com dificuldade, então tento não fazer muito peso. Passamos por um verdadeiro inferno nas últimas horas. Minhas mãos ainda formigam, de tanto que precisei usar meu Lúmen, atirando bolas de fogo em um grupo hostil de mogs atrás do outro. Espero que minhas terminações nervosas não estejam permanentemente queimadas ou algo assim. Só de pensar em acender meu Lúmen agora sinto meus joelhos quase cederem.

— Resistência — digo, com amargura. — Resistência é o que acontece depois que se perde uma guerra, Sam.

— Você entendeu o que eu quis dizer — responde ele.

Sua voz está trêmula, e me dou conta do esforço que Sam precisa fazer para permanecer otimista depois de tudo o que vimos hoje. Mas ele está tentando.

— Muitas dessas pessoas sabiam quem você era — continua ele. — Disseram ter visto um vídeo no noticiário em que você aparecia.

E tudo o que aconteceu na ONU... você basicamente desmascarou Setrákus Ra em frente a uma audiência internacional. Todo mundo sabe que você está lutando contra os mogadorianos. Que tentou impedir o ataque deles.

— Então todo mundo sabe que eu falhei.

A porta do apartamento do primeiro andar está entreaberta. Nós a abrimos por completo e Sam a fecha depois que entramos. Tento o interruptor de luz mais próximo, e fico surpreso ao ver que ainda tem eletricidade ali, porque os pontos de energia estão irregulares pela cidade. Imagino que os ataques àquele bairro não tenham sido muito numerosos. Desligo as luzes rapidamente — em nossa atual condição, não queremos atrair a atenção de quaisquer patrulhas mogadorianas que possam estar na área. Enquanto me jogo em um futon, Sam corre para fechar as cortinas.

O apartamento é pequeno e só tem um quarto. A cozinha é bem pequena, separada da sala por um balcão de granito. Fora isso, apenas um armário e um banheiro apertado. Quem quer que more ali com certeza deixou o lugar às pressas; há roupas espalhadas pelo chão, uma tigela de cereal virada no balcão e um porta-retratos quebrado próximo à porta que parece ter sido esmagado pelos pés de alguém. Na foto, um casal de vinte e poucos anos posa em frente a uma praia tropical, um pequeno macaco empoleirado no ombro do rapaz.

Essas pessoas tinham uma vida normal. Mesmo que tenham conseguido sair de Manhattan em direção a um lugar seguro, está tudo acabado agora. A Terra nunca mais será a mesma. Eu costumava imaginar uma vida tranquila assim para mim e para Sarah quando os mogs fossem derrotados. Não um apartamento minúsculo em Nova York, mas um lugar simples e calmo. Ouço uma explosão a distância, provavelmente os mogs destruindo algo na parte alta da cidade. Percebo agora como eram ingênuos aqueles sonhos da vida pós-guerra. Nada voltará ao normal depois disso.

Sarah. Espero que ela esteja bem. Era o rosto dela que eu buscava em minha mente durante os momentos mais difíceis da nossa batalha quarteirão a quarteirão por Manhattan. “Continue lutando e a verá de novo”, era o que eu me dizia. Queria falar com ela. *Preciso* falar com ela. Não só com Sarah, mas com Seis também — preciso entrar em contato com os outros, para saber que informações Sarah obteve com Mark James e seu contato misterioso e o que aconteceu com Seis, Marina e Adam no México. Deve ter algo a ver com Sam de repente ter desenvolvido um Legado. E se ele não for o único? Preciso saber o que está acontecendo fora de Nova York, mas meu telefone via satélite foi destruído quando caí no East River, e as linhas regulares de celular não estão funcionando. Por enquanto, somos só Sam e eu. Sobrevivendo.

Na cozinha, Sam abre a geladeira. Ele faz uma pausa e olha para mim.

— É errado pegarmos um pouco da comida dessa pessoa? — pergunta ele.

— Tenho certeza de que não vão se importar — respondo.

Fecho os olhos pelo que parece um segundo, mas deve ter sido mais, porque quando os abro novamente, um pedaço de pão está batendo no meu nariz. Com uma mão estendida de maneira teatral, como se fosse um personagem de quadrinhos, Sam faz flutuar um sanduíche de manteiga de amendoim, uma vasilha com compota de maçã e uma colher, todos bem em frente ao meu rosto. Mesmo em péssimo estado, não consigo deixar de sorrir diante do esforço dele.

— Me desculpe, eu não queria bater em você com o sanduíche — diz Sam, enquanto pego a comida no ar. — Ainda estou me acostumando com isso. Claro.

— Não se preocupe. É fácil empurrar e puxar usando telecinesia. Precisão é a parte mais difícil.

— Não brinca! — diz ele.

— Você está se saindo muito bem para alguém que descobriu seus poderes há apenas quatro horas, cara.

Sam se senta no futon ao meu lado com o próprio sanduíche.

— Ajuda se eu imaginar que tenho, tipo, mãos fantasmas. Faz sentido?

Penso em como treinei minha própria telecinesia com Henri. Parece que faz tanto tempo.

— Eu costumava visualizar o objeto se movimentando, e então concentrava toda a minha vontade para fazer aquilo acontecer — explico a Sam. — Começamos com coisas pequenas. Henri me atirava bolas de beisebol no quintal e eu tentava pegá-las com a mente.

— Sim, bem, não acho que pegar bolas seja realmente uma opção para mim agora — diz Sam. — Vou procurar outras formas de praticar.

Sam faz seu sanduíche flutuar do colo. Ele inicialmente o levanta alto demais para que possa morder, mas consegue levá-lo à altura da boca após mais um segundo de concentração.

— Nada mau — digo.

— É mais fácil quando não tenho que pensar.

— Como quando estávamos lutando por nossas vidas, por exemplo?

— Exatamente — diz Sam, balançando a cabeça, surpreso. — Não vamos falar sobre como isso aconteceu comigo, John? Ou por que isso aconteceu? Ou... Sei lá. O que isso significa?

— Os Gardes desenvolvem Legados na adolescência — digo, dando de ombros. — Talvez você só tenha começado tarde.

— Cara, você esqueceu que não sou loriengo?

— Nem o Adam, mas ele tem Legados — respondo.

— É, aquele pai nojento dele usou uma Garde morta para isso...

Ergo a mão e interrompo Sam.

— Só estou dizendo que nem tudo é tão certinho assim. Não acho que os Legados funcionem da forma como meu povo sempre imaginou — explico, e faço uma pausa, pensativo. — O que aconteceu com você só pode ter algo a ver com o que Seis e os outros fizeram no Santuário.

— Seis fez isso... — diz Sam.

— Eles foram até lá para encontrar Lorien na Terra, e acho que conseguiram. E talvez Lorien tenha escolhido você.

Só então me dou conta de que já devorei o sanduíche e a compota de maçã. Meu estômago ainda ronca, mas me sinto um pouco melhor, começando a recobrar a força.

— Bem, é uma honra — diz Sam, olhando para suas mãos e pensando sobre isso. Ou, mais provavelmente, pensando em Seis. — Uma honra assustadora.

— Você se saiu bem lá fora. Eu não teria salvado todas aquelas pessoas sem você — respondo, dando um tapinha nas costas dele. — A verdade é que não sei que diabos está acontecendo. Não sei como ou por que de repente você desenvolveu um Legado. Só estou feliz que tenha acontecido. Estou feliz por haver um pouco de esperança misturada à morte e à destruição.

Sam se levanta, limpando inutilmente algumas migalhas da calça jeans toda suja de terra.

— Sim, esse sou eu, a grande esperança para a humanidade, nesse momento louco por outro sanduíche. Quer um?

— Posso fazer — digo a Sam, mas, quando me inclino para a frente para me levantar, fico zonzó na mesma hora e tenho que me sentar novamente.

— Vai com calma — diz Sam, fingindo não notar meu estado deplorável. — Eu cuido dos sanduíches.

— Vamos ficar aqui só por mais alguns minutos — respondo, grogue. — Então vamos atrás do Nove.

Fecho os olhos, ouvindo a bagunça de Sam na cozinha, tentando usar a telecinese para controlar uma faca e passar manteiga de amendoim no pão. Ao fundo, sempre ao fundo agora, ouço o estrondo constante de lutas em algum outro ponto em Manhattan. Sam está certo — nós somos a resistência. Devíamos estar lá fora resistindo. Só preciso descansar mais alguns minutos...

Só abro os olhos novamente quando Sam sacode meu ombro, e me dou conta de que cochilei. O quarto está com uma iluminação diferente, as luzes da rua invadindo o cômodo, um brilho de um amarelo esmaecido atravessando as cortinas. Um prato cheio de sanduíches espera por mim no sofá ao lado. Fico tentado a comer tudo de uma vez. É como se todas as necessidades fossem primitiva: dormir, comer, lutar.

— Por quanto tempo apaguei? — pergunto a Sam, me sentando no futon.

Estou um pouco melhor fisicamente, mas é inevitável não me sentir culpado por ter dormido enquanto há pessoas morrendo pela cidade.

— Cerca de uma hora — responde Sam. — Eu ia deixar você descansar, mas...

Sam aponta para a pequena televisão de tela plana atrás dele. O noticiário local está realmente sendo transmitido. Sam colocou no mudo e a imagem falha algumas vezes, mas lá está: a cidade de Nova York em chamas. Um vídeo com a imagem granulada mostra a imensa *Anúbis* deslizando pelo céu, seus canhões laterais bombardeando os andares mais altos de um prédio até não restar nada além de poeira.

— Nem tinha pensado em ver se estava funcionando até alguns minutos atrás — diz Sam. — Achei que os mogs tivessem destruído as emissoras de tevê por, você sabe, razões de guerra.

Não esqueci o que Setrákus Ra me disse quando eu estava pendurado em sua nave sobre o East River. Ele quer que eu assista à queda da Terra de camarote. Voltando para uma lembrança mais antiga, me vem à mente a visão de Washington que compartilhei com Ella; lembro que a cidade parecia bem destruída, mas não completamente devastada. E havia sobreviventes para servir a Setrákus Ra. Acho que estou começando a entender o que ele quis dizer.

— Não é um acidente — digo a Sam, pensando em voz alta. — Ele quer que os humanos vejam a destruição que está causando. Não é

como em Lorien, em que sua frota aniquilou tudo e todos. Foi por isso que ele fez aquela encenação na ONU, foi por isso que bolou toda aquela história obscura de ProMog, para fazer com que a Terra ficasse sob seu controle pacificamente. Ele está planejando viver aqui depois. E se seus súditos humanos não vão adorá-lo como os mogs, ele quer que, pelo menos, eles o temam.

— Bem, a estratégia do medo definitivamente está funcionando — responde Sam.

Na tela, a destruição causada pela *Anúbis* dá lugar à âncora do telejornal em sua bancada. O prédio que abriga o canal provavelmente sofreu alguns danos causados pelos combates, porque parece que mal estão conseguindo se manter no ar. Apenas metade das luzes no estúdio está acesa e a câmera está torta, a imagem não tão nítida quanto deveria. A apresentadora tenta manter uma imagem profissional, mas seu cabelo está coberto de pó e seus olhos, vermelhos de tanto chorar. Ela olha fixamente para a câmera e apresenta a próxima filmagem.

A mulher desaparece, substituída por uma imagem trêmula gravada por um celular. No vídeo, no meio de um cruzamento, uma figura borrada rodopia várias e várias vezes, como um atirador de discos se aquecendo. Só que a pessoa não está segurando um disco. Com força sobre-humana, ele está girando outra pessoa pelo tornozelo. Após uma dúzia de voltas, o homem solta o corpo, arremessando-o na porta de vidro de um cinema. O vídeo continua mostrando o atirador, enquanto ele, erguendo os ombros, vocifera o que provavelmente é um palavrão.

É o Nove.

— Sam! Aumenta o volume!

Enquanto Sam procura o controle remoto, quem quer que tenha filmado Nove se joga atrás de um carro para se proteger. É terrivelmente desorientador, mas a pessoa com a câmera não para de gravar em nenhum momento, agora estendendo uma das mãos sobre a mala

do carro para continuar captando as imagens. Um grupo de mogadorianos aparece no cruzamento, atirando na direção de Nove. Vejo quando ele dança agilmente para o lado, usando sua telecinesia para lançar um carro nos mogs.

— ...repetindo, essa gravação foi feita na Union Square momentos atrás — diz a voz trêmula da âncora do noticiário quando Sam aumenta o volume. — Sabemos que esse adolescente aparentemente superpoderoso e, hmmm, provavelmente alienígena também estava presente no tumulto ocorrido na ONU com o jovem identificado como John Smith. Vocês podem ver no vídeo que ele está combatendo os mogadorianos, fazendo coisas humanamente impossíveis...

— Eles sabem o meu nome — digo em voz baixa.

— Olha isso — fala Sam, batendo no meu braço.

A câmera estava mostrando novamente a entrada do cinema, onde uma forma corpulenta se erguia lentamente em meio aos estilhaços. Ainda que a qualidade da gravação fosse precária, identifico na mesma hora a vítima de Nove. Ele sai voando, acerta alguns mogs ainda no cruzamento e, então, desce furiosamente em direção a Nove.

— Cinco — diz Sam.

A câmera não consegue mais filmar Cinco e Nove enquanto eles se arrastam pela grama de um pequeno parque nas proximidades, arrancando enormes pedaços de terra.

— Eles estão se matando — digo. — Temos que ir até lá.

— Um segundo adolescente extraterrestre está lutando contra o primeiro, pelo menos quando não estão combatendo os invasores — relata a âncora, perplexa. — Nós... nós não sabemos por quê. Temo que não tenhamos muitas respostas por enquanto. Só... tente se proteger, Nova York. Se você conseguir uma rota segura até a ponte do Brooklyn, os esforços de evacuação estão em curso. Se estiver próximo aos pontos de conflito, mantenha-se abrigado e...

Pego o controle remoto das mãos de Sam e desligo a tevê. Ele me observa enquanto me levanto, checando se estou bem. Meu corpo geme em protesto e fico zozzo por um segundo, mas eu vou em frente. Tenho que ir. Nunca antes a expressão “lute como se não houvesse amanhã” fez tanto sentido. Se vou consertar as coisas... se vamos salvar a Terra de Setrákus Ra e dos mogadorianos, então os primeiros passos são encontrar Nove e defender Nova York.

— Ela falou Union Square — digo. — É para lá que vamos.

ELES

NÃO ESTÃO SE ESCONDENDO MAIS.

ELES

DERAM INÍCIO À INVASÃO.

ELES

DOMINARÃO NOSSO PLANETA À FORÇA.

ELES

ACREDITAM QUE SÃO INVENCÍVEIS.

NÓS

PODEMOS VENCÊ-LOS.

NÓS

LIBERAMOS UM PODER ANCESTRAL.

NÓS

VIRAMOS O JOGO.

NÓS

NÃO ESTAMOS MAIS SOZINHOS NESSA GUERRA.

É O COMEÇO DO FIM.



ISBN 978-85-8057-842-3



9 788580 578423

WWW.INTRINSECA.COM.BR